

Os riscos de uma nova crise

Um tal problema financeiro, da ordem de 100 bilhões de dólares por ano, poderia, entretanto, ser contornado se o ambiente internacional permanecesse favorável. Porém, na realidade, as nuvens acumulam-se. Em resumo, os principais riscos nos próximos dois anos são os seguintes:

— Os indícios de diminuição do ritmo da economia norte-americana são bastante nítidos: embora haja desacordo sobre a amplitude da reviravolta, ninguém contesta realmente que os dois próximos anos serão menos prósperos do que os dois anteriores. O comércio mundial teve, em 1984, um crescimento de 5%, autorizando um aumento das exportações dos países em desenvolvimento de 7% em volume. É pouco realista esperar um desempenho análogo em 1985 e 1986. Ora, para fixar as idéias, uma diminuição de 10% das exportações para os Estados Unidos custa 400 milhões de dólares ao Brasil e 1,2 bilhão ao México.

— O equilíbrio instável da economia americana baseia-se atualmente em um dólar valorizado e em taxas de juros

reais elevadas. Os Estados Unidos não podem permitir que esse equilíbrio se quebre brutalmente. Se o financiamento exterior dos déficits internos e externos, ao ritmo de 100 bilhões de dólares por ano, tivesse de cessar devido a antecipações mais pessimistas sobre a paridade do dólar, os Estados Unidos reagiriam, sem dúvida, pondo em prática taxas muito competitivas. Por um conjunto de motivos econômicos, financeiros e fiscais, a economia norte-americana suporta melhor do que a de seus associados os tratamentos de dinheiro caro. Ao menos uma parte do problema será resolvida dando algumas satisfações às reivindicações protecionistas dos industriais. Esse quadro de taxas de juros, portanto, seria suportável para os Estados Unidos, mas desastroso para a economia e as finanças dos países superendividados.

Ao contrário, supondo-se que os Estados Unidos decidam ou sejam obrigados a permitir que o dólar se deprecie de maneira considerável, as dificuldades do principal credor e doador do Terceiro Mundo seriam tais que os devedores aca-

bariam sofrendo mais gravemente ainda.

— A fragilidade do sistema bancário norte-americano parece jamais ter sido tão grande. Para os bancos que têm mais de dez bilhões de dólares de ativos, o coeficiente dos créditos não produtores de juros acrescidos (non performing assets) ao total dos ativos mais do que dobrou entre 1980 e 1983. Com frequência, às dificuldades relativas aos empréstimos concedidos aos países em desenvolvimento acrescentam-se surpresas desagradáveis quanto aos créditos internos notadamente, mas não apenas, no setor da energia. Do lado do passivo, os depositantes estrangeiros revelaram uma confiança reversível no dólar e só se comprometeram a curto prazo. A desregulamentação financeira, muito bem vinda em seu princípio, atinge o sistema bancário no momento em que o nível dos fundos propriamente ditos está muito baixo e em que a qualidade dos ativos se deteriora. Seria razoável exigir desses bancos a renovação do esforço de reestruturação da dívida aceita em 1982 e 1983 e a concessão de novos créditos a devedores fracos?